

Cultura e Técnica

Uma compreensão criadora do problema do maquinismo na mentalidade contemporânea, impõe a aceitação da ética esboçada — como o desejo de soluções exactas implica a aceitação de uma doutrina de *progresso* na sua perspectiva histórica.

É tão antiga a ideia de progresso, como a ideia de ciência, como a própria ideia de inteligibilidade. A sua deficiência e a sua fraqueza têm consistido sempre na estreiteza em que se concebe o sentido real da marcha histórica do homem — que neste caso só pode considerar-se genéricamente e não em aspectos estanques, que arriscam a uma inversão da realidade.

A história só convencionalmente pode delimitar-se; todos os extremos se tocam no seu complexo movimento, que vai do mais rudimentar económico ao mais subtil intelectual e moral. A grande força da perspectiva histórica, está precisamente em alcançar o universal no mais restrito dos pormenores — como a sua fragilidade está em difficilmente conter, no espaço limitado de um facto ou de uma personalidade, a experiência infinita que o acompanha.

A doutrina histórica do progresso, ou antes, a discussão que a traduz, tem sido quasi sempre um jôgo inquieto de oposições sem sentido.

A técnica não contradiz o espirito, como o espirito não contradiz a técnica; as constatações históricas que o pretendem negam a própria história, ou enfeudam-na a um conceito antecipado que propositalmente a define na generalidade dos sentidos para a ampliar desmesuradamente no sentido exclusivo que convem.

Ficou clássica a questão dos «antigos e modernos», uma das mais absurdas e pitorêscas dissensões do largo engenho humano; o maior perigo é que fique clássico também essa espécie de fatalismo espiritualista com que hoje se ataca rasamente a técnica da civilização contemporânea.

Bem simplificadas as complicações teóricas que o acompanham, fica-nos esse magro argumento da existência de personalidades moral e intelectualmente superiores num passado em que se ignoravam as conquistas esmagadoras da técnica.

Fica tudo dito com a evidência de que o progresso, mesmo no sentido espiritual da palavra, não pode avaliar-se pelo surto de um maior ou menor número de personalidades individualmente civilizadas numa época, mas antes pela marcha total que se realizou no sentido das conquistas e aplicações da justiça.

A existência de Platão não enobrece historicamente uma sociedade pseudo-democrática em que se utilizava conscienciosamente a escravatura; enobrece de uma maneira geral e a-histórica a capacidade de grandeza espiritual do homem. Do mesmo modo, as monstruosas conseqüências morais da hipertrofia técnica da nossa civilização, não justificam a condenação global da época; condenam, sim, a margem eterna de ilusão e erro que acompanha todas as realidades humanas.

O que é inaceitável e muitas vezes burlêsco, pelas circunstâncias típicas que lhe dão origem, é a atitude de certos intelectuais de hoje que pretendem ocorrer aos malefícios inegáveis de um aspecto social, com jereмиadas mais ou menos responsáveis e apêlos místicos à idade de Saturno. Esses «profissionais do idealismo», como lhes chama Sorel, têm muitas vezes o talento e o brilho na argumentação, chegam mesmo à impressionante grandeza do trágico; mas, juntamente com isso, uma impotência de natureza ética que não lhes permite a coragem indispensável de julgar as angústias da nossa civilização com um vigor simultâneo de realismo e de esperança.

Essa é a origem autêntica das calúnias à técnica, tão inúteis como negativistas por sistema, — mesmo aquelas que sob uma aparência construtiva de novo-espiritualismo, querem trazer ao mundo o «suplemento de alma» de outros tempos, historicamente ignorados.

O problema do maquinismo e da cultura inclui-se portanto no dramático conflito dos valores, que enche de ruído e incertezas a vida social e moral de agora.

Todos concordam no obstáculo que a organização económico-social da técnica representa para o exercício da acção moral, da colectividade como do indivíduo, como aliás sempre aconteceu em épocas de crise.

Mas enquanto alguns, pragmatistas do económico, esperam a solução de uma prática mais intensa e profunda de certos sistemas — liberais, cooperativos, corporativos ou socializantes —, outros esperam-no de uma extinção tão radical quanto possível dos processos mecânicos na agricultura e na indústria.

E' inerente ao homem o pendor da unilateralidade; mesmo o espirito mais equilibrado e livre serve o jôgo de paixões e instintos, que muitas vezes se revestem de um impressionante formulário intelectual. Neste caso, porém, impõe-se a urgência difficil de uma universalidade crítica — e igualmente indispensável e difficil.

E não se diga, como o entende Bergson, que a humanidade está esmagada sob o pêso do progresso técnico, realizado aliás por imperativo de necessidades sociais irremovíveis e que não consentem recuo; sente-se apenas defraudada por uma ordem injusta, muitas vezes absurda, de aplicações, normalmente concebíveis à luz da razão, da lógica e da moral. O que não basta é o illusório esforço espiritualizante de uma elite refugiada no silêncio e na solidão de um apostolado inútil. E' impossível o regresso da natureza fabricadora do homem, como quere o autor de «Les deux sources de la morale et de la religion», a um estado social de misticismo — que, aliás, é uma espiritualidade impraticável no concreto — para que a humanidade reconquiste a potência quimérica de «uma máquina de fazer deuses». O que é necessário e mais directamente considerável para uma acção de cultura, é abandonar a fraqueza das lamentações e entender o problema do maquinismo na sua positiva verdade — social e científica, integralmente humana.